

Integração é chave para exportar

por Cynthia Malta
de São Paulo

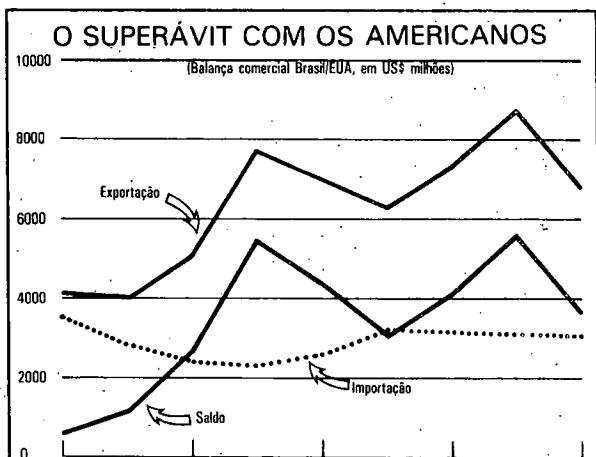
O processo de abertura comercial, iniciado timidamente neste primeiro ano da década de 90, é um dos principais fatores que irão determinar a velocidade com que o Brasil pretende inserir-se no cenário do comércio internacional.

Dante do quadro de formação dos blocos econômicos, que sugerem um aumento de práticas protecionistas, e do pouco progresso nas negociações da Rodada Uruguai, do GATT, cujo objetivo é liberalizar o comércio mundial, a integração latino-americana é considerada por diversos empresários e economistas como fator fundamental para a alavancagem do setor de comércio exterior brasileiro.

"É fundamental que toda

empresa tenha um pé no exterior nos próximos anos", diz o consultor de empresas Laerte Setúbal Filho, que por muitos anos ocupou a diretoria do departamento de comércio exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

O "pé" no exterior ganha cada vez mais importância. Varejistas que até agora se abasteciam de produtos nacionais, começam a descobrir na importação uma forma de aumentar suas vendas. Pequenos e médios supermercados em São Paulo pela primeira vez estão importando alimentos e artigos de limpeza da Argentina. O varejo, no entanto, não está concentrando suas operações apenas nas importações. Iniciativas do lado das exportações já estão sendo esboçadas e tendem a



Fonte: Cacex e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Janeiro/outubro

ampliar-se nos próximos grande exportador para dez anos.

O Mappin, por exemplo, prepara sua estréia como

Pedro Carbone, a empresa no ano passado registrou exportações de US\$ 1 milhão em produtos de utilidade doméstica. Esse volume deverá aumentar quando os três hipermercados que o Mappin está construindo em Lisboa, Estoril e Porto ficarem prontos. Nesse projeto, o Mappin tem como sócio o grupo português Sonae.

Fenômeno similar também ocorre no setor industrial. Empresas, que até agora costumavam comprar peças e insumos de fornecedores locais, estão trazendo de fora esses mesmos produtos como forma de reduzir os custos na produção.

Essa procura pelo produto importado, tanto de bens de consumo quanto de matéria-prima, reflete em grande parte a abertura comercial promovida pelo governo a partir de julho. Esse período não serve de base para projetar o comportamento das importações ao longo dos próximos anos. O governo poderia, como já fez em diversas ocasiões, restringir as importações como forma de economizar as reservas em moeda forte.

A crise no golfo Pérsico, por exemplo, está desenhando cenários não muito otimistas para os próximos anos. O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê, por exemplo, que os países com esforços de estabilização e engajados em programas de reformas estruturais poderão sofrer sérios efeitos com a manutenção de altos preços do petróleo.

AS METAS

Do lado do governo, diante de todas essas novas nuances no cenário internacional, principalmente com relação à questão do golfo Pérsico, as metas no setor de comércio exterior deverão ser alteradas. Para 1994, o programa econômico da ministra Zélia Cardoso de Mello prevê exportações de US\$ 40 bilhões e importações de US\$ 27 bilhões. Isso representará 7,7% do Produto Interno Bruto pretendido para aquele ano, de US\$ 517,4 milhões, para as exportações.

A participação das importações está prevista em 5,2% do PIB. O Brasil, se forem mantidos os números, continuará a ser um dos mais fechados do mundo.